

Em São Paulo a gente nunca sabe se poluição é neblina – Notas sobre etnografia em um “cinemão” paulistano

Eros Sester*

Resumo: Este ensaio busca discutir resultados de uma pesquisa feita durante minha graduação sobre interações eróticas e afetivas entre homens dentro de um cinema pornô no centro da cidade de São Paulo. A partir da minha experiência enquanto frequentador e etnógrafo de tal espaço, analiso as dinâmicas associadas às práticas e interações que caracterizam o “cinemão” (isto é, as práticas que levam esse nome e o local onde acontecem), bem como a relação entre as áreas internas e práticas afetivas e eróticas que lá se flagram. Tais análises correspondem a um triplo objetivo: pensar em processos de ocupação dos cinemas centrais na cidade de São Paulo, problematizar metodologia e análise em campos marcados por afeto e erotismo entre homens, e propor uma análise crítica das práticas de pegação a partir de abordagem antropológica e filiada aos estudos de gênero e sexualidade

Palavras-chave: pegação, cinemão, afeto e erotismo entre homens, política

“Quais são os modos em que a sexualidade é organizada, e por quais tipos de organização estamos lutando? Aqueles que estão lutando para fazer lograr outras formas sociais para a sexualidade estão se convertendo em ‘minorias’ dentro do movimento para estabelecer os direitos dos gays ao matrimônio. Por que não pensamos em outros modos de dependência, parentesco e aliança sexual?”

(Judith Butler, quando perguntada sobre o “casamento gay”¹.)

Este ensaio tem três objetivos principais². Em primeiro lugar, especular a respeito de certos processos que possivelmente orientam corpos e interações no **cinemão** e possíveis transformações na configuração desses mesmos processos em uma história um tanto quanto nebulosa³.

Em segundo lugar, gostaria de levantar questões a respeito do processo de elaboração do presente texto. *Cine pornô* ou *cinema pornô* são termos que designam estabelecimentos comerciais que oferecem projeções de filmes pornográficos como forma de entretenimento, e são habitualmente voltados/frequentados para/por

*Graduando em Ciências Sociais - USP

¹ Entrevista disponível na íntegra em http://edant.revistaenie.clarin.com/notas/2010/07/24/_-02205790.htm
Todos os textos em outras línguas serão livremente traduzidos.

² Estiveram presentes em diversas etapas deste empreendimento de pesquisa: Julio Assis Simões, Marcelo Perilo, Maria Eugênia Perez Calixto e Thiago Oliveira. Sou absolutamente grato a estas pessoas pelo inestimável conjunto de contribuições que tornaram possível parte notável das reflexões aqui empreendidas.

³ Parafrazeando Preciado, me parece que a fragmentação de um saber acerca das práticas de pegação e a carência de arquivos e documentação concernentes à história de tais práticas, bem como falta de interesse institucional, sinalizam a tarefa de ler ou escrever tal história a partir de uma formulação “*mais próxima de um cybermangá policial do que da investigação historiográfica clássica. Os elementos desaparecidos, prossegue o/a autor/a, “são mais numerosos que os elementos arquivados. (...) Se trata de um tipo de política-ficção na qual não se pode seguir as pegadas sem inventá-las”, S/d-b, p.1.*

um público composto por *homens que praticam pegação*⁴. Como se verá, *cinemão* é uma categoria nativa que pode comumente ser acionada como sinônimo de tais estabelecimentos. Desde já acrescento que este artigo é fruto de reflexões sobre incursões voluntárias mais ou menos esporádicas realizadas em um cinema pornô em São Paulo entre 2011 e a primeira metade de 2012. Portanto, parte das reflexões aqui desenhadas ancoram-se em fatos ocorridos quando o campo ainda não havia sido interpelado como tal por mim enquanto pesquisador, mas como ambiente do qual eu desfrutava plenamente como “nativo”. Assim sendo, minha análise baseou-se, na primeira etapa desta pesquisa, em converter minha experiência com o cine pornô e seus frequentadores em objeto de apreciação analítica e metodológica⁵.

Parto de descrições densas de um conjunto de práticas nas quais estive imerso no período citado, tornadas objeto de interesse da minha pesquisa de Iniciação Científica posteriormente. Assim, em um primeiro momento me debrucei sobre as relações candentes em torno de interações em que estive engajado, reconhecendo a atuação do espaço do cinema pornô em questão, intitulado Cine República (CR), sobre tais interações, para depois, assumindo postura diversa da anterior, ir a campo com fins de realizar uma descrição mais minuciosa das práticas e incluir na pesquisa entrevistas semi-dirigidas com pessoas conhecidas dentro e fora do contexto etnográfico. No mais, adotar este tipo de postura teórico-metodológica tem implicado quase necessariamente numa discussão acerca do lugar da subjetividade do pesquisador em contextos etnográficos observados sob o prisma de teorias de gênero e sexualidade.

Por fim, o último objetivo deste ensaio é propor uma leitura crítica do **cinemão** e da prática que leva o seu nome, levando em conta a contribuição de textos oriundos da antropologia e dos estudos de gênero e sexualidade. Tais objetivos estão intimamente ligados a cada um dos tópicos do texto. Assim, trata-se de um roteiro de interpretação sugerido sobre os diferentes aspectos abordados, tendo em vista que os objetivos aqui propostos, e que refletem convicções políticas do autor, permearão o texto de uma forma ou de outra.

“Deve a investigadora entregar-se ao ‘serial fucking’ quando trabalha sobre o sexo como tema filosófico ou, pelo contrário, deve guardar as distâncias sobre tais atividades por razões científicas?”⁶

⁴ Práticas de pegação são uma forma de apropriação de espaços relativamente públicos (cinemas, saunas, banheiros, parques, praças e outros logradouros) cultivada por homens entre si e caracterizada pela presença marcada de interações eróticas, afetivas e sexuais.

⁵ Aqui, a “observação-participante” como método cede à importância da “*participação-observante*” como matriz de extração de dados a posteriori, e o antropólogo é forçado a se enxergar como “Outro”. Sociologia e antropologia enquanto “ciências” tradicionalmente priorizaram em diferentes contextos de sedimentação e mudança uma leitura pretensamente objetiva dos fatos, ao passo que algumas correntes de pensamento nas últimas décadas no âmbito das ciências humanas se interessaram pelo lugar de enunciação nada ingênuo do/a pesquisador/a. O *self* do/a pesquisador/a ganha visibilidade em detrimento da ilusão de que um conhecimento baseado em convenções tradicionais de pesquisa e escrita acadêmica reflete produção de conhecimento mais legítima (WALL, 2006).

⁶ Pergunta que se faz Preciado no parágrafo de abertura de seu “*Manifiesto Contrasexual*”, (2011, p. 11).

Em seu artigo “Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio”, Díaz-Benítez (2009) se encontra em um impasse: como fazer coisas sem palavras? Como etnografar em um espaço onde o acesso às práticas rituais é entravado pela própria palavra? Como o/a próprio/a pesquisador/a situa suas práticas corporais no contexto ritual, e como lidar com tensões como no caso de uma mulher que pesquisa um espaço de trocas erótico-afetivas entre homens? A solução encontrada por Díaz-Benítez foi insistir em uma “observação-participante”, cuja *participação* fatalmente seria marcada pela incapacidade de se engajar diretamente nos *rituais* da pegação.

De modo semelhante, em *Testo Yonqui*, Preciado (2008) questiona os limites da produção de saber baseando parte de sua análise em experimentos sobre seu próprio corpo e incluindo dados autobiográficos na análise⁷. Em “La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía ‘queer’”, Cornejo problematiza seu próprio lugar de enunciação com o fim de responder às interpelações homofóbicas que recebera quando criança: “o que vem nas páginas seguintes é uma narrativa sobre minhas próprias experiências de pertencimentos e exclusões crescendo em Lima, Peru na década de 90s (CORNEJO, 2011, p. 80, grifo meu). A subjetividade do/a pesquisador/a adquire relevo nestes contextos de produção de conhecimento a partir de etnografias como essas.

Para além da questão do/a pesquisador/a e sua subjetividade, outro problema metodológico se coloca em relação ao treinamento do etnógrafo: quais são os desafios de se etnografar em lugares como uma *dark room*, se o seu corpo e o seu toque não parecem ser espaços legítimos de obtenção de conhecimento⁸? Voltamos à etnografia de Diaz-Benítez na *dark room*:

O *mainstream* antropológico tem estabelecido como principal método etnográfico a observação participante. Mas, para mim, a experiência do dark room me impede de participar de fato. (...) As tentativas têm continuado. Tenho caminhado entre a escuridão e a penumbra [do dark room], tenho ficado quieta. Tenho aguentado o calor e guardado silêncio, tenho bebido guaraná e cerveja, tenho jogado o copo no chão (DÍAZ-BENÍTEZ, 2007, p. 94).

Ao expor sua etnografia dos espaços de pegação em João Pessoa, Thiago Oliveira (2013a) formula uma *questão de método* que caminha rumo a uma sintetização do problema da subjetividade e das exigências metodológicas colocadas pelo objeto em questão.

Paradoxalmente as observações participantes durante uma parte significativa das atividades *in loco* foram desenvolvidas sem a possibilidade da observação direta contínua, tampouco da participação nas trocas eróticas performatizadas. Executou-se assim um desdobramento **sinestésico** da observação através de uma tomada de

⁷ Por exemplo, o livro começa da seguinte forma: “Este livro não é uma autoficção. Se trata de um protocolo de intoxicação voluntária a base de testosterona sintética que concerne ao corpo e aos afetos de B.P. [Beatriz Preciado]” (PRECIADO, 2008, p.15).

⁸ “A oposição entre tato e visão estruturou as noções modernas de ciência e do conhecimento. O tato, como o amor, é associado à cegueira e portanto com a falta de autonomia, com a enfermidade”, Preciado, (2011, p. 88, nota 25).

empréstimo de outros sentidos que tiveram como função complementar as informações que não podiam ser coletadas com a observação ou interação imediata (OLIVEIRA, 2013a, p.1, grifo meu).

Enfim, minha experiência pessoal enquanto frequentador marcou as reflexões que esbocei ao longo deste texto experimental – e daí o porquê de eu evocar as reflexões acima. A minha imersão no universo do cinemão teve início pelo menos um ano antes da minha pretensão de produzir uma etnografia a seu respeito. Ora, a etnografia, no caso, inevitavelmente irá se confundir com a minha situação no contexto da sociabilidade, de forma que eu sou, de certa forma, o “nativo” que estou pesquisando.

Assim, me relacionar erótico-afetivamente no contexto que agora situo como objeto de pesquisa, praticar observação direta de práticas sexuais⁹, bem como conversar com frequentadores sem me apresentar como pesquisador, me ofereceu condições particulares – e não menos desafiadoras – para analisar as práticas de pegação dentro do CR. Reconheço, contudo, para além das potências, os limites desta forma de fazer etnográfico. Por exemplo: como eu próprio orientava minhas escolhas e práticas a partir de processos que esboço aqui, certamente deixei de lado uma massa importante de pessoas com as quais a interação foi marcada pelo afastamento (pessoas mais velhas, pessoas menos atraentes para mim, etc.). No entanto, estar mais próximo de uma “nova geração” de frequentadores suscita o desafio teórico: como explicar a permanência do cinemão apesar do desenvolvimento de um mercado GLS e das conquistas da política LGBT¹⁰?

Enfim, a partir do meu envolvimento neste projeto (auto)etnográfico e das reflexões que ele suscitou – ao menos para mim –, pude então estar mais próximo de concordar com Foucault, para quem:

A ontologia crítica de nós mesmos certamente deve ser considerada não como uma teoria, uma doutrina ou mesmo um corpo permanente de saber que se acumula; ela deve ser concebida como uma atitude, um ethos, uma vida filosófica na qual a crítica do que somos é, a um só tempo, a análise histórica dos limites que nos foram impostos e uma experimentação com a possibilidade de irmos além deles (*apud* SPARGO, 2006, p. 63-64).

O cinemão: pequena introdução

Como se verá, ser “nativo” no/do cinemão é estar inserido numa rede contingencial e relacional de corpos em trânsito. Falar em categorias nativas dentro

⁹ Sobre este assunto, cf. (BRAZ, p. 142-143).

¹⁰ GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) é um termo cujo uso é marcado pela emergência e consolidação de estabelecimentos comerciais voltados para pessoas que se relacionam erótico-afetivamente com pessoas do mesmo sexo a partir da década de 1990 (FRANÇA & SIMÕES, 2005, p. 314). LGBT refere-se ao contexto de emergência de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais enquanto sujeitos políticos especialmente na arena institucional (cf. FACCHINI & SIMÕES, 2009, p. 14-16).

do cinemão exige um certo cuidado, uma vez que as categorias utilizadas lá dentro dificilmente lá nascem. Antes, parecem circular ao longo de uma rede que comporta múltiplos lugares de origem¹¹, e podem inclusive adquirir significados peculiares a partir do modo como são manejadas lá dentro.

A palavra “cinemão”, que designa ao mesmo tempo um lugar – o cinema que realiza projeções de filmes pornográficos, ou simplesmente “cine pornô” – e uma prática – *fazer cinemão*, engajar-se em uma forma de sociabilidade que tento seguir ao longo da pesquisa –, circula com força ao longo das redes entremeadas ao chamado “gueto gay”¹².

O Cine República, que é um cine pornô 24 horas, localiza-se na avenida Ipiranga, próxima à praça da República¹³. Ao virar a catraca, após o pagamento da entrada, aquele que ingressasse no Cine República notaria no pequeno saguão a grande cortina, preta e espessa, e duas escadas, uma de cada lado, por meio das quais se poderia subir rumo a algum lugar. Atrás da cortina há uma grande sala em que são projetados filmes *lésbicos* e *heterossexuais*, dotada de muitas cadeiras, em sua maioria desocupadas. Alguns passos à frente, andando rente à direita, é possível acessar por meio de uma escada um banheiro (no qual há quatro cabines com portas rabiscadas, preservativos masculinos usados no chão, um urinol coletivo, uma pia, um balde de lixo e um espelho). Retornando ao saguão, e então optando por subir uma das escadas laterais, aquele que se aventurasse chegaria a uma sala de cinema ainda menos iluminada do que a primeira, onde são exibidas cenas de sexo *entre homens*.

Há duas passagens nos cantos superiores da sala. Optando por uma, desceria as escadas em direção a uma *dark room*¹⁴ onde definitivamente não se enxerga quase nada à primeira vista, apenas vultos negros. Além desta, existe outra *dark room* no Cine República. Ocasionalmente há uma pequena televisão dentro delas cuja programação é idêntica à das grandes salas. Apesar da luz da tela da televisão, para quem acaba de entrar na *dark room* a escuridão é pouco amenizada. Tendo optado

¹¹ Outras etnografias em cines pornôs se detiveram sobre uma análise exaustiva das categorias e elaboração de glossários (cf. TERTO JR., 1989, p. 135; VALE, 2000, p. 147-149; GAMBÔA, 2013, p. 77-80; OLIVEIRA, 2013b, p. 15). No entanto, não se deve deixar de atentar à seguinte questão: como elaborar um inventário das categorias, confiando a elas um papel socializador em um contexto em que só parte dos envolvidos falam? Aproximamo-nos aqui do desafio formulado por Diaz-Benítez (2007): “*Como fazer etnografia no e do silêncio?*”. O contexto em que categorias nativas emergem parcialmente de ambientes de fala rarefeita nos remete à seguinte questão: como falar em processos de interpelação e subjetivação em contexto de interdição da fala? Ou, “*como fazer coisas sem palavras?*” (cf. idem, 2009).

¹² Uma área da malha urbana em que práticas sexuais “dissidentes” são tradicionalmente cultivadas em estabelecimentos e também no espaço da rua. Para uma problematização destes termos, cf. MCRAE, 2005 e PERLONGHER, 2008.

¹³ Situado, na cartografia de Perlongher, na “Área Ipiranga” (ibidem, p. 123-127). A região ostentou com força por certo tempo o “epíteto” de Boca do Lixo, compartilhado tanto por Perlongher (2008) quanto por Bortoleto, Diniz & Izawa: “*A rua Aurora e as avenidas São João, Ipiranga e Rio Branco formam o irregular quadrilátero do sexo e lembram as hastes de um jogo da velha que engloba uma região repleta de casas de striptease, cinemas eróticos e prostituição de rua*” (2003, p. 40).

¹⁴ Optei pelo anglicismo “dark room” em vez de “quarto escuro”, uma vez que o termo é conhecido e utilizado pela maior parte dos frequentadores falantes.

pela segunda passagem, e subido mais um lance de escadas, nosso “cinéfilo” chegaria a um corredor com três pequenas salas: um banheiro com pia, lixo, espelho e duas cabines com portas, a outra *dark room*, e outro banheiro com pia, lixo, espelho, um urinol individual e quatro cabines com portas rabiscadas.

Enfim, ao subir um terceiro lance de escadas se tem acesso a um espaçoso bar à meia luz, com um leque pequeno porém altamente acessível de opções de bebidas alcoólicas (cerca de quinze opções das quais a mais cara custava sete reais). A chapelaria, vale dizer, custava dois reais, e o preço de entrada do CR variava entre 12 (segunda a quinta) e 15 reais (sexta a domingo), preços vigentes no período em que frequentei o estabelecimento. Nestes últimos dias acontecia um show com gogo-boys¹⁵ por volta da meia-noite.

Parece-me que as práticas de pegação encontram eco nos cinemas da cidade de São Paulo em uma origem difícil de ser apreendida com precisão. Tenho adotado a interpretação de que, de diversas maneiras, (I) as práticas de pegação têm deslocado o significado originalmente atribuído às funções sociais dos banheiros e dos cinemas, para então (II) confrontar-se com um elemento de complexificação que consiste no povoamento de identidades emergentes no espaço urbano.

As lições descritas no filme “*Bailão*”¹⁶ são um bom exemplo de como essa apropriação passou a ser operada, em uma época em que a pornografia ainda não era projetada na grande tela e o “gueto” ainda não apresentava os sinais tão evidentes – como hoje o é – de que se constituía como espaço tradicional de expressão da dissidência sexual. Um dos entrevistados no filme diz:

A primeira vez que eu fui no cinema – que aconteceu alguma coisa comigo – foi no Cine Piratininga. E eu sentei lá, de repente eu percebi que sentou alguém do meu lado. Mas eu não me toquei, eu não tava ali pra caçar, eu era novo. Quando eu percebi – assim – alguém pegou, eu senti uma mão pegar aqui assim.

Um outro complementa: “o namoro começava na perna: você encostava a perna na pessoa e sentia que a pessoa queria. ‘Bom, se encostou e não tirou, não se sentiu incomodado’”. A ansiedade denotada por esse ritual de passagem na fala de um entrevistado meu, homem, branco, 59, está inscrita como prelúdio de sua “vida gay”.

O que aconteceu – inclusive no cinema de pegação ainda é assim – e aí o que aconteceu é que eu me lembro vagamente de uma perna cruzando na minha perna que eu morri, fiquei assustado, nervoso, saí de perto... E não era um cinema de pegação, era um cinema de bairro, mas eu acho que já tinha características que começavam a ser de cinema de pegação, começavam a virar cines pornôs e tal.

Este tipo de contra-pedagogia foi durante muito tempo operada – e de certa forma continua – dentro de salas de cinema em São Paulo, especialmente as do

¹⁵ “Trata-se de dançarinos que realizam suas performances em algum lugar de destaque em clubes noturnos. Geralmente apresentam-se seminus ou despem-se durante o show” (PERILO, 2012, p. 27, nota 21).

¹⁶ Direção de Marcelo Caetano, 2009. O curta pode ser apreciado em <http://portacurtas.org.br/filme/?name=bailão>

“centro velho” da cidade, o que não só marca a experiência da popularização e decadência do cinema como a própria “cultura” das práticas dissidentes¹⁷ em São Paulo. A partir da década de 1970, as práticas de pegação intensificaram em um cenário de decadência da Cinelândia Paulistana¹⁸. Alguns cinemas, de acordo com um entrevistado meu, já podiam ser identificados como próprios para encontros erótico-afetivos entre homens desde o início dessa década. Já em 1981, a organização militante Grupo Outra Coisa de Ação Homossexualista, dispensaria dentro de seu “*Guia do Bandeirante Destemido*” páginas onde se poderia acessar uma lista bem elaborada dos mictórios públicos e cinemas onde cultivavam-se práticas de pegação.

Diz José Fábio Barbosa: “podemos pensar na intensa vida noturna, no consumo de drogas, na cultura das ‘saunas’ e no culto do corpo como tradições gays”. Tais práticas comporiam “representações coletivas desse grupo”, além de serem “ritualizadas no dia-a-dia” (2005, p. 234). Se a *cultura das saunas* existe de fato como *tradição*, a mesma parece estar diretamente ligada à gênese da expressão das homoafetividades em contextos urbanos, tendo sido incorporada nas comunidades e trânsitos de homens que se relacionam erótico-afetivamente com outros homens em meio ao espaço urbano. Esse desdobramento de uma modalidade “primária” de espaços propícios e dispositivos de saturação sexual marca a história das “*redes homossexuais*”. Assim sendo, esse enredamento entre subjetivação e apropriação caracteriza não só as práticas dissidentes, mas também as próprias identidades historicamente situadas, produzindo efeitos “paradoxais”, atualizando e produzindo diferenciações.

Esse tipo de prática – na qual dois ou mais sujeitos se olham, ou apenas se apalham, e logo, às vezes sem trocar palavras, se entrelaçam no frenesi dos corpos –, frequente nas redes homossexuais, deriva, em parte, das condições históricas de segregação e clandestinidade tradicionalmente impostas a essas uniões: no corre-corre da perseguição, não há tempo a perder em cortejos floridos. Mas essa exuberância sensual dos modernos gays se encaixa também na secreta tradição da orgia, que mina a história oficial, da qual constituiria sua trama subterrânea (PERLONGHER, 1987, p. 60).

Assim, pode-se constatar que há certa continuidade entre o que se tem tratado por atividade *sexual*, *anônima*, *promíscua*, e práticas *afetivas* e *públicas*, inscrita tanto na trama histórica das redes gays masculinas urbanas, quanto nas

¹⁷ Uso o termo em referência a um conjunto de condutas afetivas, eróticas e sexuais que se destacam de um padrão social hegemônico de inteligibilidade, ou seja, constituem-se como deslocamentos de normas sociais que conduzem práticas e convenções de gênero. Embora admita que a utilização do termo pode ser problemática e carece de maiores reflexões a respeito de seu uso, considero que, em contraste com outros termos, me parece estratégico.

¹⁸ Como era chamado o grande complexo de cinemas luxuosos cuja afluência entre as décadas de 1930 e 1950 marcou a história das práticas de lazer e da sétima arte em São Paulo. Um dos aspectos possivelmente ligados a mudanças substanciais na cartografia dos cinemas na cidade de São Paulo durante as décadas de 1970 e 1980 é a queda de frequentadores devido à popularização de televisores domésticos (TREVISAN, 2011, p. 412). A programação dos cinemas urbanos – também em outras capitais brasileiras – passou a variar em função da audiência de classes populares, apelando a estilos como kung-fu e bang-bang (LAMPIÃO, 1978; VALE, 2000). Em 1985 a pornografia seria totalmente legalizada para apreciação em tais estabelecimentos (VALE, 2000).

interações gestadas em espaços de homossociabilidades, incluindo aí aqueles no seio dos quais são cultivadas práticas de pegação. Este é o motivo pelo qual tenho visto com ressalvas o termo “sexo impessoal”, se for definido como “*prática sexual anônima, efêmera e fugaz entre homens que exercem práticas homoeróticas*”¹⁹. A impessoalidade enquanto condição da vida na cidade grande (SIMMEL, 2005) marca as práticas eróticas entre homens, que parecem alocar-se perfeitamente na lógica do *flâneur*, mas não as define e encerra em um universo à parte das demais formas de socialização no espaço urbano.

Se o sexo entre homens em contextos de pegação não pode ser reduzido à mera rotatividade e incapacidade de associação duradoura, poderíamos questionar se o diagnóstico de fragmentação dos vínculos – associado ao cultivo do “sexo impessoal” – e emergência marginal que marca as práticas homoeróticas agrega-se a uma condição generalizada na qual as relações amorosas entram em colapso conforme avançamos no capitalismo tardio. Imputa-se a tais relações certa liquidez que é característica de tal condição (BAUMAN, 2004).

Enfim, esta perspectiva facilitaria a afirmação de que o cinemão pertence à classe de fenômenos que estaria na vanguarda de um processo generalizado de sucateamento total dos vínculos afetivos. Para relativizar este parecer, bastaria salientar o caráter singular das apropriações empreendidas por homens no contexto urbano, ao relacionarem-se erótico-afetivamente com outros; ou mesmo destacar o tipo de “solidariedade” produzida dentro do cinemão, e que pude constatar dela participando²⁰. Longe de almejar o esgotamento deste debate, gostaria de reiterar a afirmação por vezes frágil de que as relações estabelecidas entre pessoas dentro do cinemão são, como todas as relações sociais, complexas, alineares e atravessadas por forças, contingências e fluxos simbólicos.

No período em que participei de interações com os frequentadores do CR, pude perceber que “fazer cinemão” pode ou não implicar em vínculos duradouros, manejo de dispositivos de prevenção de DSTs, sexo com mais de um parceiro e consumo de drogas lícitas ou ilícitas. Também descobri que vários frequentadores com quem estabeleci diferentes modalidades de contato estavam dispostos a me reencontrar fora de lá, e que alguns rejeitavam enfaticamente a prática de cinemão, não obstante lá estivessem. Além disso, ouvi de várias pessoas lá dentro uma série de justificativas – geralmente acionadas voluntariamente – que visavam me fornecer informações “adequadas” a respeito das motivações de quem me dirigia a justificativa. Assim, fui recorrentemente instado a lidar com a ideia de que praticar cinemão podia ter a ver

¹⁹ Trecho da introdução a uma entrevista realizada pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos a Camilo Braz e Alexandre Teixeira. Cf. BRAZ & TEIXEIRA, 2010.

²⁰ Frequentemente a forma assumida por essa “solidariedade de cinemão” foi a conversa de bar, que acontecia no bar interno do CR. Várias conversas que tiveram início em escadas e corredores iluminados continuam no bar, onde há quatro mesas e algumas cadeiras, além do balcão. Mais de uma vez me surpreendi – com o meu copo de gim, que na época custava três reais – sentado em uma mesa com cinco ou seis pessoas que nunca tinham se visto antes na vida conversando sobre “o que tínhamos conseguido até então lá dentro”, banalidades, a vida lá fora, homens, lugares, futebol, música e até religião. Nessas ocasiões era comum que alguns de nós trocássemos telefones ou contatos virtuais para eventuais passeios com ou sem segundas intenções.

com “carência”, “tesão” e “preconceito”.

Este conjunto de percepções só se torna conversível em material etnográfico na medida em que busco situar a minha postura enquanto “nativo”, nas relações que estabeleci com outros “nativos”.

Os “cinéfilos”

Quase que exclusivamente são *homens*, de diversas camadas geracionais, cores/etnias, “performances de classe”, silhuetas, performances de gênero, lugares de origem, escolaridades etc. Havia quem estivesse chegando do trabalho, de cursos ou da faculdade, outros que vinham de baladas e festas, e ainda aqueles que haviam saído de casa com o objetivo principal de estar ali. A *tendência à interação*, busca de diferentes modalidades de parceria, parece ser uma forma de definir o movimento daqueles homens lá dentro.

No que tange à manifestação de masculinidades lá dentro, o CR parece se apresentar como um laboratório a tensionar continuamente a uma só vez reiteração e subversão de normas. Diferentes expressões de gênero são negociadas o tempo inteiro, seja no confronto entre performances, seja na relação estabelecida com o aparato técnico-material que as circula e orienta (e aqui me refiro à influência de drogas lícitas ou não, à projeção dos filmes pornográficos e aos espaços mesmos de circulação e re-produção de eroticidades e afetos). Parece destacar-se no mercado do desejo lá dentro certas expressões de virilidade marcadamente erotizadas. Aqui estou me baseando especialmente nas conversas que tive com outros frequentadores em corredores ou no bar, bem como nas interações estabelecidas e observadas dentro das *dark rooms*, onde se via de forma patente como alguns deles gozavam de interesse geral, à revelia de outros cuja impopularidade podia ser facilmente constatada²¹.

A presença de homens considerados afeminados por muitos frequentadores nos fins de semana à noite, interpelados às vezes lá dentro como indesejáveis, deserotizados ou desinteressantes, cuja atuação não parece a princípio estar direcionada às práticas sexuais, desafia a ideia de que um cine pornô é um espaço meramente dirigido a interações sexuais. O barulho também é uma instância de negociação. A ruidosa performance de gênero que empreendem tensiona-se à valorização da masculinidade *discreta*. Mesmo a prática do diálogo fora do bar é um tensionamento das práticas homoeróticas lá dentro, uma vez que a conversa é uma prática constantemente atribuída às masculinidades não-contidas, amenas. Enfim, se lá a feminilidade possui um lugar ambíguo na economia do desejo²², pelo menos

²¹ A partir, principalmente, do fato de que muitas vezes estes frequentadores pareciam se mobilizar mais do que outros para engajar-se em qualquer interação que fosse.

²² Rejeição da efeminação versus alocação no modelo popular-hierárquico, que admite como possível o engajamento na relação a partir de critérios assimétricos de papéis e práticas sexuais e performances de gênero (cf. FRY, 1982). Ainda sobre este assunto, vale lembrar que a “passividade sexual” nem sempre é índice necessário de efeminação como se poderia supor (BRAZ, 2009). Antes, ela parece estar subordinada sobretudo, no contexto do CR, a conformações contingentes entre frequentadores e formas de ocupação do espaço interno.

o CR com suas características proporciona para algumas pessoas a possibilidade de certa expressão de gênero que poderia ser hostilizada lá fora.

Ao realizarem uma pesquisa etnográfica em um cine pornô em Brasília, Calaf & Cunha se viram no seguinte impasse:

O Cine Ritz, essencialmente frequentado por homens, e espaço de afirmação de masculinidades, pareceu-nos, a um primeiro olhar, um ambiente talvez impróprio para a inserção de pesquisadoras mulheres. Como fazer etnografia em um cinema pornô? Como lidar com a posição do feminino operante neste cinema, na qual estávamos a priori inseridas? (CALAF & CUNHA, 2010, p.20).

Ainda que no “*Cine Ritz*” a masturbação solitária e certo teor de “heteroerotismo” – acentuado pelas apresentações de dançarinas – marcassem as interações no ambiente (apesar da frequência quase absoluta de homens), as autoras parecem reconhecer o problema da inserção de feminilidades em um contexto de confronto intensivo de masculinidades. Posso relatar dois casos que ilustram como certas expressões de feminilidade e masculinidade podem acarretar em tensões e diferenciações – por vezes radicais – nas práticas de pegação entre homens dentro do CR.

Certa vez, ao entrar em uma das *dark rooms*, percebi que havia uma mulher – que identifiquei como “cissexual”²³ – lá dentro e, ainda que ela tenha permanecido aproximadamente uma hora dentro do espaço em uma posição que poderia facilmente ser identificada para os frequentadores como propícia à penetração, nenhum dos homens lá dentro pareceu interessar-se por ela. Pelo contrário, no período em que estive lá dentro, a sala permaneceu com poucos frequentadores – aqueles que se recusavam a praticar pegação nessa *dark room* se dirigiam para a outra²⁴.

Se alguns homens com expressões de gênero mais femininas, cujas performances eram frequentemente rechaçadas no discurso de outros frequentadores, podiam circular livremente pelas dependências do cinemão – apesar de preferirem o bar e os corredores iluminados –, uma mulher que se fixou em uma área marcada por saturação sexual gerou uma “perturbação” na movimentação e ocupação dos espaços lá dentro.

Em outro dia, um homem que identifiquei como “transexual”, engajava-se ruidosamente no mercado erótico a partir do bar e do corredor que dá acesso à *dark room* superior. A despeito de sua silhueta e voz serem facilmente localizáveis como pertencentes a uma mulher “cissexual”, suas roupas, a maneira como se portava e suas falas sinalizavam de forma bastante marcada a reivindicação de uma

²³ Conforme as discussões atuais no seio da militância trans e dos estudos de gênero e sexualidade, os termos “cissexual” e “cisgênero” se referem à coincidência socialmente esperada entre determinada identidade de gênero e as expectativas ligadas às funções sexuais genitais (dimorfismo sexual) que, para o senso comum, seriam “trocadas” ou “distorcidas”. Já o termo “transexual” refere-se às identidades onde não haveria coincidência socialmente esperada entre genitalidade e identidade de gênero.

²⁴ Em relação às outras vezes em que observei mulheres dentro do cinemão, elas estavam acompanhadas de um homem, e o casal se fixava em um canto da plateia de uma das salas de cinema, sem qualquer comprometimento com as interações entre homens que ocorriam em outras áreas do cinema.

postura masculina, segundo o manejo de símbolos atribuídos a uma certa virilidade. Assim, falava alto, bebia e pleiteava um lugar no mercado erótico a partir de frases que falava em alto e bom tom: “*quero comer um cuzinho hoje, quem quiser tô lá em cima, [meu nome é] Paulinho*”. Apesar de sua sexualidade e seu corpo serem possivelmente interpelados como indesejados dentro do mercado de desejos do CR, Paulinho (nome fictício) conversava com outros homens nos ambientes em que fazia seus investimentos erótico-afetivos (bar e corredores) e apresentava domínio de uma série de referências e convenções de gênero compartilhadas com os demais frequentadores, o que poderia lhe conferir algum lugar nas interações erotizáveis entre homens lá dentro.

Por fim, atuam com força lá dentro o que Néstor Perlongher chamou de “tensores libidinais” (2008), assim como referências a códigos de preservação²⁵. Assim, performances e interações informam mais o observador a respeito da sociabilidade lá dentro do que o conteúdo das projeções pornográficas.

Em seu trabalho pioneiro, Veriano Terto Jr. (1989) descreve um cinemão onde o filme parece exercer uma ação contínua e irresistível sobre a plateia. Seu maior ou menor potencial de excitação está diretamente ligado à qualidade da produção. Uma pornografia mais anglo-saxã, europeia, branca, e com menos “histórias”, biografias, personagens etc., tenderia a refletir maior atividade sexual na plateia. Isso definitivamente não ocorre no CR, onde os filmes são mais identificados pelos frequentadores como “pretexto”.

Sobre justificativas e vínculos

Muitas vezes, dentro do CR, meus interlocutores, fossem quem fossem, voluntariamente formulavam *justificativas*. Como profecias que se cumprem, essas justificativas, planos de legibilidade das práticas sociais de pegação, se referiam a alguns *scripts*, senão possíveis padrões que ligavam a subjetividade das pessoas às práticas de pegação. Como atos performativos, essas expectativas liam os fatos enunciados dentro do cinemão ao mesmo tempo que criavam os sujeitos a operar as parcerias.

Uma vez perguntei a um dos parceiros que conheci no CR, “por que as pessoas vão até o cinemão?”, e ele me respondeu “*por carência*”²⁶. Tenho a impressão que uma forma relativamente comum de fornecer inteligibilidade às práticas de pegação na fala dos frequentadores é de que as pessoas que o fazem estão no “fundo do

²⁵ Ao falar em “códigos de preservação” estou me referindo ao conjunto de ações que subordina as práticas sexuais dentro do cinemão a políticas e tecnologias de prevenção/contenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Esta digressão se faz necessária porque me remete a um discurso difundido no “gueto gay” para o qual as práticas de pegação aparecem como indesejáveis, degradantes e abjetas – apesar de relativamente comuns – já que são vetores de DSTs.

²⁶ Naquele período me encontrei voluntariamente com pelo menos seis pessoas que havia conhecido lá dentro, em outros lugares, estabelecendo com elas por vezes vínculos fortes e duradouros. Este comentário reitera a minha dúvida: Como reduzir as práticas de pegação que acontecem dentro de espaços como um cinemão ao rótulo analítico de “sexo impessoal”? Ao nos referirmos a estas práticas como “impessoais”, a que distância nos situamos do senso comum de que a prática de pegação é um fim em si mesmo?

poço”. E, de forma complementar com essa concepção, pude conversar com várias pessoas que diziam haver terminado há pouco tempo relacionamentos afetivamente relevantes, e que desoladas pareciam buscar consolo no “sexo impessoal”²⁷, assim como pessoas que, por estarem muito tempo sem “namorar” ninguém, viam no *cinemão* a possibilidade de se engajar em um relacionamento com certa urgência – uma vez que há grande tendência lá dentro para o estabelecimento de vínculos para além dos limites físicos do *cinemão*.

Posso relatar um “caso-limite” para ilustrar este caráter “melancólico” das motivações dos frequentadores em relação ao *cinemão*. Certa vez entrei em uma das cabines com um homem jovem com quem havia flertado em uma das *dark rooms*. Pondo fim bruscamente à maneira como se desenvolvia nossa experiência sexual, ele se pôs a chorar, dizendo que havia me escolhido para estabelecer uma parceria erótico-afetiva porque eu lembrava muito seu “*ex-namorado*”, que havia falecido há pouco tempo em um acidente de carro. Sensibilizado com a história, chorei também, e então desistimos do sexo e fomos beber e conversar no bar.

Outra ideia que circulava no período em que frequentei o CR, é a de que fazer *cinemão* seria um “último recurso” – algo como efeito inadiável de uma longa incursão libidinal ou como última tentativa de se fixar a um parceiro na madrugada²⁸ – o seu caráter receptivo em relação à deriva de *corpos-que-precisam-de-outros-corpos*. Enfim, se neste *universo* o segredo não delimita possibilidades, é porque na verdade ele amplia o repertório de condutas e práticas: o “templo do segredo” não apenas condiciona e normatiza as práticas sexuais, mas, pelo contrário, também viabiliza o cultivo de diferentes formas de afeto. Afinal de contas, o *cinemão* não é hoje apenas o lar dos refugiados do “amor indizível”, mas também o espaço onde carícias precisam urgentemente ser trocadas.

A ideia de necessidade desesperada de qualquer intercuro sexual, uma convenção habitualmente ligada ao “gênero masculino”, em sua relação com concepções que circulam globalmente sobre as “práticas sexuais promíscuas”, parece ser frequentemente tratada como traços de distúrbios psicossociais, atribuídos ora aos gays em geral, ora a uma parcela específica de pessoas. Uma das formulações que encontrei lá dentro, e inclusive entre meus entrevistados – dois dos quais afirmaram serem ou terem sido *compulsivos sexuais* –, é a *compulsão sexual*.

Por fim, aquilo que poderíamos chamar “vida dupla”²⁹ e práticas de pegação parecem se articular potencialmente enquanto plano de legibilidade da prática de

²⁷ Certa vez ouvi de um dos frequentadores com quem conversei nos corredores, que um outro frequentador lá presente estava sofrendo demais por amor, e que naquele contexto praticar *cinemão* significaria incorporar uma modalidade de “comportamento autodestrutivo”. Aproximamo-nos de uma concepção que tangencia associações não incomuns entre práticas marginais e psicopatologias.

²⁸ Vale lembrar que o CR está situado numa região prenhe de estabelecimentos voltados para o “público GLS”, tais como bares e baladas (FRANÇA & SIMÕES, 2005), bem como espaços públicos ocupados com fins de lazer e flerte (CALIXTO & SESTER, 2012).

²⁹ “No caso brasileiro, predomina uma sociabilidade dividida entre vida familiar hetero e vida sexual homo na rua”, (Miskolci, 2007a, p.60). Isto é, essa “vida dupla” se refere aos homens que possuem uma vida “hétero”, às vezes casados e com filhos, mas que recorrem eventualmente a práticas sexuais “homo”, muitas vezes em ambientes de pegação como os cines pornôis.

cinemão. Recorrer a um estabelecimento como o CR com o intuito de preservar o anonimato em relação aos efeitos indesejáveis de interpelações injuriosas significou – e ainda significa de certo modo – uma modalidade de agenciamento do desejo e estabelecimento de redes e linguagens para além de uma forma de ocupação do espaço público urbano hegemonicamente heterocêntrica. A invisibilidade relativa proporcionada por esses estabelecimentos viabiliza a realização de trocas erótico-afetivas com pessoas do mesmo sexo sem que a publicização das mesmas implique em sanções negativas de qualquer tipo³⁰.

Poderíamos nos perguntar inclusive até se a pegação enquanto “cultura” não é resquício histórico de um modo primeiro como as práticas erótico-afetivas dissidentes se desenvolveram particularmente no contexto paulistano. Pensar dessa forma facilitaria a opinião de que há um vínculo entre o caráter “impessoal” de certas práticas sexuais e um caráter *auto-reclusivo*, “ascético”, das mesmas.

Enfim, grande parte das motivações que movem aqueles homens para dentro do cinemão tem a ver com a maneira como os mesmos veem como possível o desenvolvimento de vínculos com outros homens, ainda que esse vínculo se restrinja a uma parceria anônima no canto mais escuro de uma *dark room*.

Democracia e diferença

Diz Humphreys sobre a prática do *banheirão*³¹ (*tearoom trade*):

Só um lugar público, como um desses banheiros de jardim, poderia assegurar a falta de envolvimento pessoal no sexo que certos homens desejam. O ambiente facilita a necessária modificação nos participantes pela sua acessibilidade e pela visibilidade dos homens *certos*. Nesses ambientes públicos, além do mais, existe uma espécie de *democracia* que é endêmica ao sexo impessoal. Homens das mais diversas características raciais, sociais, educacionais e físicas se encontram nesses lugares para uma união sexual. Não havendo envolvimento, as *preferências pessoais tendem a ser minimizadas...* (1976, p. 151, grifos meus).

Tal minimização das preferências pessoais parece ser, por assim dizer, exigência histórica das práticas sexo-dissidentes urbanas, cujo efeito colateral é a tal *democracia endêmica*³². Mas por que se referir às práticas de pegação em

³⁰ Cf. Sedgwick, 2007. Sobre este assunto na produção brasileira, destaque para o conceito de “anonimato relativo” empregado em Guimarães, 2004.

³¹ Como são amplamente conhecidas entre muitos homens que se relacionam erótico-afetivamente com outros homens em São Paulo as práticas de pegação em banheiros públicos.

³² Em relação a essa democracia endêmica ao sexo impessoal, isto é, sobre este contexto de trocas erótico-afetivas entre *todo tipo de gente*, como sugere o entrevistado abaixo, HOCQUENGHEM formula a seguinte hipótese: “quando o ânus encontra de novo sua função desejante, quando as conexões de órgãos se fazem sem lei nem regra, o grupo goza em uma espécie de relação imediata da qual desaparece a diferença sacrossanta entre o público e o privado, entre o individual e o social. E talvez possamos encontrar um indício deste estado de um comunismo sexual primário em certas instituições – apesar de todas as repressões e de todas as reconstruções culpáveis das quais são objeto – do gueto homossexual: pensamos aqui nas saunas, lugar famoso em que se conectam anonimamente os desejos homossexuais” (2009, p. 88). Sem prejuízo para a argumentação de Hocquenghem, eu certamente acrescentaria o cinemão paulistano à sua análise.

cinema como democrática? O trecho a seguir mostra a conversa que tive com um entrevistado, homem, branco, 59, quando interpelado a respeito dessa questão.

Eu: E, me diz uma coisa. Você acha que os cinemões são lugares democráticos? Em algum sentido?

Ele: Democrático no sentido que tem tudo quando espécie de gente, sim. E também que existe tudo quanto, um lugar onde você pode extravasar todo tipo de desejo, também sim.

Eu: Entendi.

Ele: Acho que sim. Porque lá no Cine Saci, eu via, sabe, todo tipo de gente, desde frequentador, sabe, gente que mora na rua até aqueles caras totalmente tatuados, travesti, e tudo quanto é tipo de bicha, bicha louca, bicha-não-sei-o-quê, enrustido, tudo quanto é tipo de gente.

Podemos vislumbrar a partir de tais contribuições uma *ambivalência* do caráter supostamente “democrático” da pegação. O direito ao toque, aos (dis)sabores e charmes do sexo (im) pessoal no “templo do segredo” pareceria, em uma primeira leitura, borrar barreiras sócio-sexuais. Essa minimização das diferenças, no CR, está marcada por uma certa variedade de masculinidades, marcadores da diferença e tensores libidinais presentes na pegação.

No entanto, a escuridão que os une não diminui necessariamente as marcas que obstinadamente os diversos corpos e as diversas performances reiteram (posso citar como exemplos-limite a presença de uma mulher na *dark room* e a performance de Paulinho). Tais diferenças, por assim dizer, produzem e atualizam conformações do mercado erótico.

Mais, pode-se dizer que o cinemão e a sua prática não suprimem exatamente a diferenciação, mas sim a reforçam em outra dimensão, através da divisão “dentro” – onde há certa permissividade, ancorada no *invisível* e *silencioso* – versus “fora” – onde a dissidência é negada, e a diferença atua produzindo hierarquias. As interações entre homens, intergeracionais, inter raciais, interclassistas etc., encontram um lugar relativamente confortável para expressarem-se, mas às expensas de um mundo externo, onde não são exatamente bem-vindas. A *invisibilidade* apresenta-se aqui como *possibilidade* de exercício de determinadas sexualidades. O cinemão aparece, por assim dizer, como uma “trégua” relativa das batalhas assumidas pelos *marcadores sociais da diferença do lado de fora* – o que não equivale a dizer ingenuamente que não existem lá dentro, uma vez que a sociabilidade interna é ela própria dependente das tensões entre diferenças no mercado de desejos.

Quando estiver me referindo às práticas do CR como *democráticas*, portanto, terei em mente as hipóteses de que há (I) uma exigência histórica que acaba por tornar possível a flexibilização – dentro de um certo *modus operandi* já fixado, um *knowhow* da pegação – das interações entre homens em virtude da furtividade que caracteriza a representação das práticas de pegação, e (II) uma conformação alternativa da atuação da diferença (trégua) expressa na “minimização” e flexibilização das preferências baseada em um “conforto” trazido pela invisibilidade relativa de um

espaço mais privado em relação ao espaço da rua, e que se oferece como espaço de experimentação e tensionamento de masculinidades.

Outra regra – quase sempre bem observada pelos frequentadores – dos ambientes específicos para pegação (*dark room* e sala de cinema) no cinemão é o “silêncio”. O “abrigo do silêncio” (*ibidem*, p.150-151), além de acolhedor, é também índice de “pessoalidade”. O clima de impessoalidade esbarra na fala. Esta identifica, torna reconhecível, pessoal, público. A troca de informações, de juras de amor e injúrias de dor por meio de *sussurros*, além de *manter* o silêncio geral – que para alguns é tensor libidinal – também dissimula: o sussurro não é público, ele não dá ordens em casa e nem está previsto nas relações de trabalho. Não se sussurra no boteco, no *happy hour* com os amigos, e nem no jogo do Corinthians.

Dentro de uma *dark room* fica ainda mais difícil saber de quem é a voz que se ouve, não apenas por causa da baixa quantidade de luz oferecida no lugar, mas também em virtude do fato de que geralmente há várias pessoas construindo a sociabilidade no espaço. Enfim, o tato passa a ser relativamente valorizado como forma de reconhecer as pessoas neste contexto. Lembra Díaz-Benítez: “No dark room a visão é só um dos elementos que compõem o ritual de interação. Nesse contexto, o tato é privilegiado” (2007, p. 95).

Enfim, trato finalmente a partir de agora de caracterizar o que chamei de interações ao longo do texto e esboçar a forma como operam na relação com os diferentes espaços internos do CR.

Graus de abjeção e fluxos internos

Talvez possamos considerar as intuições de Beatriz Preciado a respeito dos banheiros do aeroporto George Pompidou³³ como pistas para entender a distribuição das práticas sexuais no interior do cinemão.

À diferença da arquitetura dos banheiros femininos, que combinam uma reprodução paródica do espaço doméstico e o “olhar regulador” das outras mulheres, o banheiro masculino carrega consigo certa ambivalência característica das tecnologias por meio das quais a sexualidade masculina é construída, prescrita ou interdita: a “separação de funções”. O mictório, aparelho prostético que se adequa anatomicamente à genitália masculina, e que propicia a visibilidade e publicização genital, pode ser contrastado com a cabine e com o efeito de “*anali*dade invisível” que ela proporciona. No entanto, genitalidade pública e crise da masculinidade se tensionam: a exposição dos pênis abre um espaço para a experimentação e novas possibilidades de canalização/produção de desejos e subjetividades³⁴: “*Precisamente porque os banheiros são cenários normativos de produção da masculinidade, podem*

³³ Me refiro a um texto atribuído à/ao autor/a de razoável circulação virtual chamado “Basura y gênero. Mear/cagar. Masculino/femenino”, <http://www.hartza.com/basura.htm>

³⁴ Esta ambivalência é bem captada e formulada por Edelman “o banheiro dos homens, apesar de concebido como uma resposta tecnológica às preocupações higiênicas associadas às necessidades corporais, se constitui numa tecnologia em si mesma para demandar certa relação entre o sujeito masculino e seu corpo” (2011, p. 256). Situo aqui, portanto, uma certa analogia na análise histórica dos cinemões e a dos banheiros, tal como as tenho formulado.

funcionar também como um teatro de ansiedade heterossexual". De modo semelhante, dentro do cinemão não se está autorizado a trabalhar o ânus em qualquer lugar.

Lá dentro, a depender de cada um dos lugares, mais ou menos claros ou escuros, mais ou menos públicos ou privados, as masculinidades se reconstróem em observância de alguns filtros: a (in)expressão do sexo anal, a conformação *em par* (devir-par), o sexo privado, a masculinidade *invicta* (ou seja, práticas afetivo-sexuais entre homens que nelas se engajam apenas dentro das cabines, longe do olhar de outros frequentadores) etc. Cada um dos espaços internos é constituído e atravessado por práticas determinadas. Os espaços bem iluminados, como já dito, são os lugares do flerte, das conversas, da afetividade e da circulação. As salas de projeção admitem menos afeto; há aqui uma pegação pouco afeita à fala, mais afeiçãoada a felações, masturbações [*punhetas*], volumes, exhibições. Nas *dark rooms* acontecem masturbações, as felações e, com menos frequência, as *penetrações*. A realização do sexo anal – não por acaso na “*sala escura*” – responde a um *magnetismo* específico.

As regras que parecem orientar as agências na *dark room* do cinemão estão bem próximas da observação de Terto Jr., referindo-se ao caráter subjetivo do movimento em um cinemão carioca: “*como que imantados, um atrai ou repele o outro de acordo com os códigos e preferências, que se movimentam, se sobrepõem em meio ao aperto geral e à aparente confusão*” (1989, p. 131). O intercurso anal dentro da *dark room* é mais recorrente em relação aos corredores e salas de cinema, mas, ainda assim, incomum. Quem praticar o intercurso anal nas *dark rooms* terá de se confrontar com duas respostas geralmente imediatas: a “*exposição*” (uma forma de identificação não menos tensionada com a escuridão da sala), e a tendência a se tornarem um eixo principal em torno do qual os corpos orientam seus movimentos e ações dentro da *dark room*³⁵.

Era muito frequente que, a partir de situações de flerte ou sexo iniciadas nos corredores ou *dark rooms*, pares de homens se deslocassem para as cabines dos banheiros³⁶ para terem relações sexuais, e mais frequentemente para viabilizarem a realização do intercurso anal ou de sexo de forma privada e sem “*interferências*”. De forma que as cabines dos banheiros quase sempre estavam sendo utilizadas. Mas por que há esse movimento tão forte que leva pessoas que acabam de se conhecer numa *dark room* para dentro da cabine privada do banheiro?

Em primeiro lugar, podemos pensar no papel heteronormativo³⁷ da *privacidade*,

³⁵ A dinâmica é muito parecida com a descrita por Braz em um “local comercial para encontros sexuais”: “*Quando dois ou mais se juntam e iniciam uma cena (seja de penetração, de sexo oral, de masturbação), outros param ao seu lado. Algumas vezes entram na cena. Outras vezes, apenas observam, enquanto se tocam como voyeurs. Também é possível que dali, outras duplas e grupos se formem, conformando outras cenas*” (2009, p. 222).

³⁶ Não há distinções por gênero para os banheiros, provavelmente porque quase a totalidade dos frequentadores é composta por homens.

³⁷ Por “heteronormatividade” entendo “*as instituições, estruturas de pensamento e orientação de práticas que fazem ver a heterossexualidade como algo não apenas coerente – ou melhor, organizada como sexualidade – mas*

e nos entraves ao desenvolvimento de culturas sexuais públicas³⁸ a ele relacionados – e aqui quero dizer que a paranoia heterossexista teria parte na reprodução de uma disposição espacial interna que desenharia uma estratificação graduada das práticas sexuais conforme a valoração do *sexo privado*. Em segundo lugar, ela explicita uma fraqueza, uma “crise da masculinidade”. Se as homoafetividades e as outras formas *indesejáveis* de sexo (inter racial, interclasses, intergeracional etc.) já se anunciam como tensores libidinais obscenos, a exposição anal agrega à *necessidade de invisibilidade total*, tal como sugeriria uma interpretação a partir da análise feita por Preciado dos banheiros do aeroporto George Pompidou.

Do quarto escuro para as cabines do banheiro, o desejo dissidente é privatizado para, por um lado, se tornar invisível – espécie de exigência externa –, e por outro, para consolidar um *modus operandi* do desejo heterossexista baseado na necessidade do par e na integridade da masculinidade viril – uma espécie de tradução interna das normas que atravessam as paredes do cinemão e nelas se fixam³⁹. Parece, enfim, tomar forma uma escala normalizadora que orienta aqueles homens a se relegarem voluntariamente à escuridão em conformidade com os graus de abjeção acionados através das escolhas de suas parcerias.

Enfim, ao me referir à *aglomeração sexual* como potencialmente desencorajadora em relação às práticas anais, e considerando um devir-par (ou seja, tendência à formação de pares entre frequentadores) no contexto destas práticas, podemos nos perguntar se tais aspectos respondem a uma tendência hegemônica à rejeição da publicização das práticas erótico-afetivo-sexuais entre homens e da erotização do ânus, que continuam reverberando mesmo no contexto de práticas de pegação em um cine pornô.

Conclusão

O cinemão se aproxima hoje como definição de um local institucionalizado para práticas de pegação, marcado pela necessidade de algumas formas de expressão de desejos, afetos e eroticidades se darem estrategicamente em “segredo”, e que consiste em um aparato técnico cuja função foi *ressignificada* pelos agentes invisíveis do amor indizível historicamente. As práticas dentro do CR eram diversas, apesar de não variarem muito. Acredito que obedeciam a uma lógica estrutural que reflete uma materialidade relevante na análise. Diversas são as motivações, articuladas a marcadores sociais da diferença, experiências subjetivas e formas de incorporação

também privilegiado ou correto” (BERLANT & WARNER, 2002, p. 230, nota 2). Por “heterossexismo” entendo o conjunto de concepções e práticas que se aplicam no sentido de desqualificar e coibir interações erótico-afetivas entre pessoas do mesmo sexo, reiterando relações de poder assimétricas entre homens e mulheres, e entre heterossexuais e não-heterossexuais.

³⁸ Para Berlant & Warner, “ao fazer que o sexo pareça irrelevante ou meramente pessoal, as convenções heteronormativas da intimidade impedem que se construa culturas sexuais não normativas ou explicitamente públicas” (2002, p. 236).

³⁹ A um resultado semelhante chega Miskolci ao analisar o armário na web: “a internet revela sua dupla face: facilitadora de contatos e constituição de redes, mas mantenedora da imagem dominante do espaço público como sinônimo de heterossexualidade” (2009, p. 176).

de dispositivos de preservação contra DSTs, que impulsionam, mobilizam e movimentam aquela massa heterogênea de homens.

Enfim, alguns homens vão ao CR geralmente para estarem em contato com outros homens, e frequentemente à cata de modalidades específicas de interação, marcadas pela afetividade e erotização.

Os modernos movimentos de libertação sexual, na sua obsessão por algumas políticas específicas, acabaram produzindo vácuos de legitimidade em relação à expressão de formas de expressão da sexualidade amplamente disseminadas mesmo dentre os segmentos que os compõe. As conquistas realizadas pelas lutas pelo casamento gay, por exemplo, não alteram a estrutura de estratificação sócio-sexual (RUBIN, 1984), mas apenas realocam seus termos⁴⁰. Novos diálogos com uma matriz de inteligibilidade (BUTLER, 2003a) são abertos, mas certas práticas sexuais dissidentes ainda permanecem marginalizadas, como as práticas de pegação em lugares públicos, às vezes mesmo se institucionalizadas⁴¹. Se as práticas sexuais no cinemão estão “protegidas” relativamente de certas sanções morais, isso não impede que um conjunto de *preconceitos* operem com relativa força nos discursos que circulam dentro e fora do “gueto”, e mesmo do próprio cinemão.

O que busquei aqui, concluindo, foi re-humanizar a prática do cinemão baseado na minha própria experiência individual. Acredito, como Goffman, por fim,

que qualquer grupo de pessoas ... desenvolve uma vida própria que se torna significativa, razoável, e normal, desde que você se aproxime dela, e que uma boa forma de conhecer qualquer desses mundos é submeter-se à companhia de seus participantes, de acordo com as pequenas conjunturas a que estão sujeitos (GOFFMAN, 1974, p. 8).

Referências

BAUMAN, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro, Zahar.

BARBOSA, J. (2005). “Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo”. In: GREEN, J. & TRINDADE, R. (org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Unesp.

BERLANT, L. & WARNER, M. (2002). “Sexo en público”. (2003). In: JIMÉNEZ, R. (org.). *Sexualidades transgressoras – una antología de estudios queer*. Barcelona, Icaria.

BORTOLETO, R; DINIZ, A. L. & IZAWA, M. *Contos de Bordel - A prostituição feminina na Boca do Lixo de São Paulo*. São Paulo, Carrenho.

⁴⁰ Pensando no “casamento gay” enquanto bandeira de grande relevo na agenda do movimento LGBT, diz Miskolci: “a possibilidade do casamento aponta para uma normalização das relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo, pois o reconhecimento estatal levaria a uma delimitação das relações aceitáveis como sendo apenas aquelas que pudessem resultar em ‘casamento’, o que relegaria à ilegitimidade as relações fora dos padrões hegemônicos”, (2007b, p. 227). Sobre o mesmo assunto, diz Butler: “no caso de casamento gay ou de alianças legais de filiação, vemos como diversas práticas sexuais e relacionamentos, que ultrapassam a esfera da santificante lei, tornam-se ilegíveis, ou pior, insustentáveis, e como novas hierarquias emergem no discurso público” (2003b, p. 109).

⁴¹ Cf. o caso nova-iorquino descrito por Berlant & Warner, 2002, páginas 233-235.

BRAZ, C. (2009). "Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens". In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. & FÍGARI, C. (org). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro, Garamond.

_____. (2010). "Mas agora confessa...": Notas sobre clubes de sexo maculinos". *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n.4, p. 127-156.

BRAZ, C. & TEIXEIRA, A. "Placer en público". Entrevista publicada no site do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos em 2010. Disponível em <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?infoid=6459&sid=51>>

BUTLER, J. (2003a). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

_____. (2003b). "O parentesco é sempre tido como heterossexual?". *Cadernos Pagu* (21), Campinas.

CALAF, P. & CUNHA, A. L. (2010). "‘Todo mundo tem um pouquinho de voyeur’: reflexões sobre o campo em um cinema pornô" *Teoria & pesquisa, Revista de Ciências Sociais*, vol. XIX n. 1. São Carlos.

CALIXTO, M. & SESTER, E. (2012). "O que compra alguém no largo? Identidades e homosociabilidades no largo do Arouche domingo à noite". Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura.

CORNEJO, G. (2011). "La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía 'queer'". *Íconos, Revista de Ciencias Sociales*, n. 39, p.79-95. Quito.

DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. (2007). "Dark room aqui: um ritual de escuridão e silêncio". *Cadernos de campo*, n. 16, p.93-112. São Paulo.

EDELMAN, L. (2011). "Banheiro dos homens". In: GATTI, J. & PENTEADO, F. (orgs.). *Masculinidades – teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das letras e das cores,

FACCHINI, R. & SIMÕES, J. A. (2009). *Na trilha do arco-íris – Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

FRANÇA, I. L. & SIMÕES, J. A. (2005). "Do 'gueto' ao mercado". In: *Homossexualismo em São Paulo*. São Paulo, UNESP.

FRY, P. (1982). "Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil". In: _____. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro, Zahar.

GAMBÔA, R. (2013). *De prazeres e perigos: abordagem etnográfica dos roteiros eróticos de homens que fazem sexo com homens e desafios à prevenção do HIV na região central*

da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. São Paulo.

GOFFMAN, E. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva,

GRUPO OUTRA COISA DE AÇÃO HOMOSSEXUALISTA. (1981). *Guia do Bandeirante Destemido*. São Paulo

GUIMARÃES, C. D. (2004). *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro, Garamond.

HOCQUENGHEM, G. (2009). *El deseo homosexual*. Madri, Melusina.

HUMPHREYS, L. (1976). "A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos". In: RILEY, M. & NELSON, E. (org). *A observação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

LAMPIÃO. (1978). "Cinema Íris: na última sessão, um filme de terror". *LAMPIÃO* (Publicação em formato jornal-revista). Edição experimental – número zero. Abril.

MACRAE, E. (2005). "Em defesa do gueto". In: GREEN, J. & TRINDADE, R. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Unesp.

MISKOLCI, R. (2007a). Comentário. *Cadernos Pagu* (28). Campinas.

_____. (2007b). Pânicos morais e controle social. *Cadernos Pagu* (28). Campinas.

_____. (2009). "O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet". *Gênero*, Niterói, vol9(2):171-190.

OLIVEIRA, T. (2013a). "De Corpo Aberto – Notas etnográficas sobre masculinidades em territórios de pegação em João Pessoa". Banner apresentado na Reunião Equatorial de Antropologia, Fortaleza.

_____. (2013b). "Viado não, canibal! – Estratégias identitárias masculinas em um cine pornô". *Anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero*, Natal.

PERILO, M. (2012). *Eles botam o bloco na rua! Uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis*. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia.

PERLONGHER, N. (1987). *O que é AIDS*. São Paulo, Brasiliense.

_____. (2008) *O negócio do michê*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

PRECIADO, B. (2011) *Manifiesto contrasexual*. Barcelona, Anagrama.

_____. (2008). *Testo Yonqui*. Madri, Espasa Calpe.

_____. (Atribuído a). "Basura y gênero, Mear/cagar, Maculino/femenino". Sem data (S/d-a). Disponível em <<http://www.hartza.com/basura.htm>>

_____. (Atribuído a). "Gênero y performance – 3 episodios de un cybermanga feminista queer trans..." Sem data (S/d-a). Disponível em: <<http://www.hartza.com/performance.pdf>>

RUBIN, G. (1984). "Thinking Sex: notes for a radical theory of politics of sexuality". In: VANCE, C. (org). *Pleasure and danger*. Nova York, Routledge.

SEDGWICK, E. K. (2007). "A epistemologia do armário". *Cadernos Pagu* (28). Campinas,

SIMMEL, G. (2005). "As grandes cidades e a vida do espírito". *Revista Mana*, 11(2), p. 577-591.

SPARGO, T. (2006). *Foucault e a Teoria Queer*. Rio de Janeiro/Juiz de Fora, Pazulin/UFJF.

TERTO Jr., V. (1989). *No escurinho do cinema: socialidade orgiástica nas tardes cariocas*. Dissertação de mestrado defendida na PUC-RJ. Rio de Janeiro.

TREVISAN, J. S. (2011). *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro, Record.

VALE, A. F. C. (2000). *No Escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. Fortaleza, Annablume/Governo do Estado do Ceará.

WALL, S. (2006). "An autoethnography on learning about autoethnography". *International Journal Of Qualitative Methods*, v.5 (2), Junho.

Recebido em novembro/2012

Aprovado em julho/2014